

Apresentação

Literatura Gore. Representações da violência contemporânea na América Latina

Pero de la violencia, de la verdadera violencia, no se puede escapar, al menos no nosotros, los nacidos en Latinoamérica en la década de los cincuenta, los que rondábamos los veinte años cuando murió Salvador Allende.

Roberto Bolaño, in *El Ojo Silva*

211

A violência é possivelmente um dos grandes temas da literatura latino-americana. Em um passado mais recente, na segunda metade do século XX, tal temática foi amplamente abordada a partir da questão da violência de Estado que se registrou durante as ditaduras instauradas em diversos países. O trauma decorrente desse período histórico seguiu sendo matéria para a produção literária, tendo feito surgir vasto repertório de narrativas a respeito da memória e da pós-memória. No entanto, outras formas de violência seguiram sendo representadas com inspiração em novos contextos gerados a partir de questões tanto políticas como sociais, econômicas e culturais. Nesta edição, a Revista Landa reúne um conjunto de trabalhos a respeito dessas representações latino-americanas de violências observadas em cenários mais recentes. O termo *gore*, que dá nome ao volume, é entendido de duas maneiras: por um lado, em uma referência à sua acepção primeira, oriunda do cinema, cuja ideia central se vincula às representações de violências em um formato mais gráfico, explícito, expressivo; por outro lado, a partir da apropriação e postulado da filósofa mexicana Sayak Valencia em cujo trabalho o mesmo termo se encontra atrelado aos efeitos nefastos do neoliberalismo ou do capitalismo tardio.

No trabalho que abre este conjunto de textos, “Rey e Pixote: Produtos internos brutos”, as pesquisadoras Lidiane Lima e Gilvaneide de Sousa Santos traçam pontos de aproximação entre o romance cubano *O rei de Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez, e o filme brasileiro *Pixote, a lei do mais fraco*, de Hector Babenco a partir de seus protagonistas cujas histórias se mostram marcadas pela tragédia e pela violência, especialmente na infância e na adolescência. Na análise, as duas obras ajudam a reconstruir as agruras dos períodos históricos que aparecem como pano de fundo e a partir dos quais se pode observar as particularidades da violência estatal governada pelo neocolonialismo estadunidense.

Na sequência, o artigo “Sangue, boizões e corpos secos: violência gore na narrativa de Regina em *Corpos secos: um romance*”, de Fabrício Rezende Bitencourt, analisa diversos elementos que compõem um “mundo

degradado”, em que o familiar está contaminado pelo horror. A análise também possibilita a observação de um cenário a partir do qual é possível perceber que a destruição e as ruínas se infiltram nos objetos mais comuns e na percepção mais íntima do mundo. A partir disso, o autor também evoca discussões a respeito das distopias e neodistopias, além de questões de gênero e foco narrativo.

Em “O corpo feminino como território do horror em *Caminhando com os mortos* (2023), de Micheline Verunschik”, José Luís Giovanoni Fornos e Danielle Soares Jesus trabalham com relações entre violência de gênero e formas narrativas do horror no contexto brasileiro. Os autores investigam elementos de um cenário literariamente construído por ausências dentro de um espaço onde a violência e a morte aparecem naturalizadas e, ao mesmo tempo, a religião emerge operando como mais um motor da brutalidade patriarcal.

No trabalho seguinte, a brutalidade é pensada a partir de obras oriundas do campo das artes visuais. Em “Mimesis del horror: La exposición de lo abyecto en la obra de Teresa Margolles”, María Mercedes Rodríguez analisa elementos fundamentais da obra da artista plástica mexicana conhecida por trabalhar com questões contemporâneas de violência. A partir disso, o trabalho propõe reflexões a respeito do estatuto simbólico dos corpos de vítimas do narcotráfico, as maneiras representar a violência na contemporaneidade e o modo como essa violência é apropriada pelo campo estético.

212

Em “Capitalismo Gore e assombro em ‘Mis muertos tristes’, de Mariana Enriquez”, Milena Pinheiro França Machado Souza e Cindy Conceição Oliveira Costa investigam elementos próprios do neogótico latino-americano utilizados como ferramentas para representação das diversas formas de violência observadas na sociedade argentina, marcada pelo preconceito e pela divisão clara entre classes sociais. Nesse contexto, os fantasmas são figuras que se conectam diretamente com a realidade contemporânea representada no conto.

O trabalho seguinte versa sobre outro conto da mesma autora bastante celebrada na atualidade. Em “Corpos em Chamas e a Estética do Abjeto: Uma Leitura de ‘As Coisas que Perdemos No Fogo’, de Mariana Enriquez”, Solange da Silva Franco analisa como a narrativa argentina mobiliza a estética do horror corporal para problematizar as fronteiras da subjetividade e as formas de violência de gênero. A autora revisita as leituras da noção de abjeto pensada por Julia Kristeva para depois aplicá-las à obra de Mariana Enriquez, destacando a dimensão simbólica e política que reside na representação *gore* do corpo queimado.

Em “Corpos à venda: Capitalismo Gore, Necropolítica e regimes de visibilidade no conto ‘Leilão’, de María Fernanda Ampuero”, Diedra Roiz analisa um processo de reificação no qual a exposição espetacularizada dos corpos os converte em mercadorias descartáveis. Dentro desse cenário, a lógica da violência se inscreve também no interior dos debates de

colonialidade e gênero e se mostra profundamente enraizada e naturalizada na sociedade contemporânea.

Sobre a mesma escritora equatoriana é o trabalho seguinte. Em “Para além da intenção autoral: imagens da violência em María Fernanda Ampuero”, as pesquisadoras Alexandra Santos Pinheiro e Ana Julia da Silva Francisco discutem questões de autoria oriundas de diversas fontes da Teoria Literária analisando o conto “Luto” de María Fernanda Ampuero, reescrita de uma passagem da Bíblia. De acordo com as autoras, ao reinterpretar um episódio bíblico, Ampuero propõe a dessacralização do texto com o intuito de promover um exercício de reconstrução de significados que se conectam com aquilo que é contemporâneo. A partir desse exercício, entram em cena as diversas camadas da violência de gênero sofridas pelas protagonistas Marta e Maria.

No texto que encerra este número, “*O seu sangue no chão parece até vinho, que lindo!* Entre espetáculo, algoritmo e corpo: a estetização da autolesão nas redes digitais”, Anderson Barcelos Martins e Andresa Mutz analisam práticas de dor como a autolesão não suicida convertidas em imagens performáticas e narrativas digitais. Ao longo do artigo, os autores interpelam os modos de dizer, mostrar e significar essas práticas de violência autoinfligida expostas no ambiente digital assim como as condições que tornam possível sua circulação e legitimação. A estética *gore*, nesse caso, é vista como uma prática performática amplamente difundida em redes sociais que opera dentro de um sistema de pertencimento.

213

Além dessa interessante reunião de trabalhos sobre a violência, este número conta também com um dossiê temático sobre Roberto Bolaño, um dos mais importantes autores latino-americanos do último século que, não por acaso, também ficou conhecido pelas lúcidas representações e reflexões a respeito do horror real na América Latina e no mundo. O Dossiê Roberto Bolaño foi organizado por Talita J. Rodrigues e tem seis textos de pesquisadores reconhecidos que vêm se debruçando sobre a obra desse autor.

A seção Olhares conta com um ensaio-manifesto de Joanna Leoni, refletindo sobre o exercício de trans/escrita e suas vinculações com a feitiçaria, além de um ensaio de Joaquín Correa sobre traduções de poemas de Paulo Leminski. A seção Entrevista apresenta conversas produtivas com Alejandro Arturo Vallega, professor e pesquisador da área da Filosofia, e Matías Serra Bradford, crítico e escritor argentino que recentemente teve seu primeiro romance traduzido no Brasil. O número inclui, ainda, uma resenha crítica sobre o livro recém-publicado pela editora da UFSC, *Sobre arte e vida em comum* (ensaios breves), de Artur de Vargas Giorgi.

Boas leituras!

Equipe Editorial – Revista Landa